

VOCÊ
NASCEU
PARA
ISSO

MICHELLE SACKS

VOCÊ
NASCEU
PARA
ISSO

TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI



Copyright © 2018 by Michelle Sacks

TÍTULO ORIGINAL
You were made for this

PREPARAÇÃO
Nina Lopes

REVISÃO
Giu Alonso
Thais Machado

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

DESIGN DE CAPA
© blacksheep-uk.com

FOTO DE CAPA
Plainpicture/Cristopher Civitillo

ESTAMPA DO VESTIDO E FOLHAGEM
© Depositphotos

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S127v

Sacks, Michelle

Você nasceu para isso / Michelle Sacks ; tradução Carolina Selvatici.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
272 p. ; 23 cm.

Tradução de: You were made for this
ISBN: 978-85-510-0466-1

1. Ficção sul-africana. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

18-53963

CDD: 896
CDU: 82-3(6)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha mãe, Avril.

É preciso entrar sempre com cuidado nas escuras florestas suecas, pois nelas existem várias criaturas sombrias. Bruxas, lobisomens e trolls muito maldosos. Cuidado com os trolls! Eles têm o costume de roubar crianças humanas para criar. Ah, você deve tomar cuidado com os trolls, porque não vai vê-los se aproximar. Eles se disfarçam de maneira muito inteligente.

— Åsa Lindqvist, *Den Hämnad Troll*

Merry

Se você nos visse, provavelmente nos odiaria. Parecemos atores em um comercial de margarina: felizes e contentes. A família perfeita, com a vida perfeita.

Não foi mais um dia perfeito? é o que sempre dizemos ao fim de dias assim. Uma confirmação. Uma promessa. Algo para afastar quaisquer dias que possam ser menos do que isso. Mas a maioria dos dias é perfeita aqui na Suécia, muitos mais do que eu poderia contar.

É tão lindo, especialmente agora no meio do verão. Tudo fica rajado pela luz dançante do sol suave. A casinha vermelha de madeira onde moramos parece saída de um livro infantil ilustrado: aninhada na floresta, bem aconchegadinha, cercada por árvores e um jardim exuberante e florido, cheio de vida — hortas repletas de folhas, arbustos com galhos pesados de frutas vermelhas maduras, aroma de flores em todo canto, inebriante e adocicado, atraindo charmosas abelhas. As noites de verão são calmas e intermináveis, o céu fica claro até muito depois das dez, e o vasto lago é límpido e tranquilo, com o tom mais claro de azul. E a serenidade... Em todo canto, apenas o som das aves e o farfalhar das folhas nos galhos.

Nossa vida aqui não tem trânsito, poluição ou vizinhos com música no último volume no andar de cima nem chorando aos berros no andar de baixo; não tem papel na calçada, lixo apodrecendo nem viagens sudorentas de metrô para o trabalho, não tem multidões ou turistas, nem encontros diários com ratos,

baratas, pervertidos ou pregadores. Não. Nada além de uma vida impossível de leveza e sonhos. Sam, o bebê e eu, em nossa ilha de três.

Como em quase todas as manhãs, depois de colocar o bebê para dormir, fui para a cozinha preparar alguma coisa. Hoje foi uma torta com os mirtilos que colhemos na floresta no fim de semana. Eu mesma fiz a massa e a abri, espetei com um garfo e assei primeiro sem o recheio para ficar crocante. O sol entrava pelas grandes janelas abertas, raios de luz se espalhando pelo piso da nossa casinha iluminada. Cozinhei as frutas vermelhas devagar, em fogo baixo, extraíndo todo o sumo, depois misturei xarope de bordo e canela em pau, tomando cuidado para não deixar nada queimar nem estragar. Do ateliê, Sam sentiu o aroma da manteiga, do açúcar e das frutas e veio até a cozinha ver o que eu estava fazendo. Olhou para mim e sorriu, feliz como um pinto no lixo.

Viu, disse ele, não é o que eu sempre digo? Você nasceu para isso.

A torta ficou boa. Nós a comemos ainda quente, acompanhada de canecas de café, sentados no jardim sob o sol do início da tarde. O bebê provou uma colherada do recheio e babou tudo, parecendo um funcionário de escritório que acabou de mastigar a caneta azul. Sam riu e limpou tudo com a colher.

Ele não é a coisa mais linda?, perguntou. Então o ergueu e o balançou, e o bebê riu, gritou e cuspiu mais torta. Observei os dois. Os meninos. Meus meninos. Pai e filho. Sorri e senti o calor do sol em minha pele.

No fim da estrada de terra que liga as casas à reserva, um dos vizinhos tem um cercado cheio de cavalos premiados, que estão amamentando os filhotes. Os potros nascidos na primavera cambaleiam nas pernas finas e fracas; as éguas os empurram com o focinho, carinhosamente incentivando os filhotes. São boas mães. Pacientes e instintivas. Têm um amor imenso pelos filhos, como a natureza exige.

Sam e eu levamos o bebê para observá-los. Cavalos, disse Sam, apontando e relinchando. O bebê caiu na gargalhada. Estendi a mão para tocar em uma égua amarronzada que havia se aproximado da cerca. Senti a energia da vida e os músculos rígidos sob meus dedos. Ela era linda. Forte e determinada. Tinha olhos pretos intensos.

Cuidado, avisou Sam. Mães recém-paridas podem ser perigosas.

★ ★ ★

Nós nos afastamos dos cavalos e voltamos devagar para casa. Este é nosso lar há pouco menos de um ano. Fica a cerca de quarenta e cinco minutos de Estocolmo, em uma reserva natural perto de Sigtuna, a cidade mais antiga da Suécia. A reserva cobre uma grande extensão de terra, basicamente composta por campos e florestas em torno do lago, com casas espaçadas entre os pinheiros. Muitas das construções pertencem a uma única família há gerações — o mesmo chalé vermelho de madeira que foi ampliado ou reformado com o passar dos anos, de acordo com a necessidade; paredes testemunhas das constantes idas e vindas dos recém-nascidos e dos recém-falecidos.

Sam herdou a casa da segunda esposa do avô, Ida, que nasceu e cresceu aqui. Ela não teve filhos, mas sempre sentiu um grande carinho por Sam, que, ainda criança, já sabia como deixá-la encantada, elogiando seu novo canteiro de rosas, os biscoitos muito condimentados ou o leve sotaque sueco que fazia todas as suas palavras soarem como música. Quando ela morreu, alguns anos atrás, Sam descobriu que Ida havia deixado a casa para ele e perdido que nunca a vendesse, apenas repassasse para seus herdeiros.

Nunca tínhamos visitado a casa antes do ano passado, nem pensado muito no lugar, nem no país. Na verdade, a única referência que tínhamos da Suécia era um daqueles cavalinhos vermelhos de Dalarna com que Ida havia nos presenteado durante uma de suas visitas. Ele ficava em cima do porta-temperos em nosso apartamento no Brooklyn, ao lado do moedor de pimenta e do pote lacrado de açafraão pelo qual eu havia barganhado em um mercado noturno em Marrakesh.

Claro, mudar para cá foi ideia do Sam.

Todas as ideias boas são minhas, ele costuma dizer, brincando.

Ele falou que seria como um conto de fadas. Que seríamos mais felizes do que nunca.

E estava certo. Sempre está. Ele nos guia na direção correta; a bússola que me afasta das tempestades. Que sorte a minha de ter o Sam.

Naquela tarde, nós três fizemos um longo passeio pela floresta, o bebê no canguru, aconchegado ao pai. Enquanto caminhávamos, dizíamos os nomes das árvores e aves que aprendemos a identificar no ano passado: um abeto-falso,

um ninho de tentilhões, *Fraxinus excelsior*, o freixo. São nossas alegrias e hobbies recém-descobertos, as coisas com as quais nos ocupamos aqui. Às vezes rimos de nós mesmos, lembrando as pessoas que éramos.

Na cidadezinha de Sigtuna, paramos para comer arenques empanados com centeio e salada de batata na cafeteria do píer, ouvimos o barulho das gaiotas e da água batendo se misturar hipnoticamente à conversa moderada dos educados suecos. A garçonete fez cócegas na bochecha do bebê e anotou nossos pedidos em um inglês impecável. *Tack*, dissemos. *Tack*.

Em casa, dei banho no bebê e o ninei suavemente até que dormisse em meus braços. Senti o cheirinho do pescoço dele e fiz carinho em seu cabelo louro-escuro, que aos poucos começava a ganhar volume. Coloquei a mão no peito dele, senti as batidas do seu coração, sempre regulares e prodigiosas: *tum, tum*, o eco da vida. Sam e eu, cansados da caminhada e do ar fresco, nos deitamos em nossos lençóis macios antes que anoitecesse. Eu me aconcheguei nos braços do meu marido, olhei para seu rosto lindo, os olhos escuros, o maxilar forte, o peito que parece coberto por uma armadura. Um homem sólido, um homem que pode carregar meu peso... e carrega.

Suspirei, satisfeita. Não foi mais um dia perfeito?, falei.

Sam beijou minha testa e fechou os olhos. Mexi o braço para me virar e me deitar de costas.

Não, disse ele, fique.

Sim, tudo é exatamente como Sam falou que seria. Um conto de fadas na floresta.

Hoje faz um ano que nos mudamos para a Suécia. É difícil acreditar. Um ano inteiro, um país novo, uma casa nova, um filho novo. Uma vida nova. Uma vida melhor, com certeza. Para comemorar, voltei da reunião em Estocolmo com um buquê de flores de primavera frescas, uma garrafa de vinho e um gorro viking de crochê para Conor, que comprei em uma das lojas de souvenirs do bairro histórico.

Merry estava na cozinha, o cabelo preto e comprido preso em um coque no topo da cabeça, o avental amarrado na cintura. Ela sorriu ao me ver. Dei um beijo nela, que foi pegar um vaso para as flores.

Lindas, disse.

Assim como a minha esposa, respondi. Sei que ela gosta quando a chamo assim.

Ela pôs os braços em volta de mim e eu senti seu cheiro: perfume e algo frito recentemente. Feliz “Suécia-niversário”, disse ela. Olha, fiz almôndegas suecas para comemorar.

Cadê meu garoto?, perguntei e fui atrás de Conor. Ele estava no tapetinho de atividades na sala, deitado de costas, tentando pegar o sapo que fica pendurado na barra verde de plástico. Esse menino. Não me canso dele. Oito meses já. Todos os dias ele cresce, uma pequena evolução à velocidade da luz: sempre mudando, sempre em movimento.

Como está meu campeão hoje?, perguntei, deitando-me ao lado dele. Conor deu aquele sorriso que faz meu coração acelerar: gengiva rosa e amor

puro. Enfieei o rosto na barriga dele, senti o cheiro de talco e pomada para assaduras.

Coloquei o gorrinho nele e o ergui para mostrar a Merry. Duas tranças louras de viking pendiam da touca. Conor agarrou uma e a enfiou na boca.

Ótimo, disse Merry, rindo, agora ele está pronto para liderar uma invasão.

Ela é tão feliz aqui... Leve e feliz. Sem pesos. Adoro vê-la assim. É tudo que eu sempre quis para ela. Para nós.

Entreguei o bebê a Merry para que eu pudesse lavar as mãos antes do jantar. Ela o abraçou com força e eu parei um minuto para memorizar a cena.

Linda, repeti.

Nós nos sentamos juntos em torno da velha mesa de carvalho de Ida, Conor na cadeirinha que fiz para ele, Merry e eu um de frente para o outro. Ela havia soltado o cabelo e o jogado para o lado, como eu prefiro. Estava usando uma blusa azul que fazia seus olhos cinzentos parecerem quase translúcidos, como se fossem portais para outro mundo, ou apenas buracos vazios.

Servi o vinho, Merry pôs a comida nos pratos e limpou as bordas, onde tinha escorrido molho. Ela havia acendido velas, apesar de sabermos que só anoiteceria dali a horas, e colocado as flores na ponta da mesa.

À Suécia, brindei.

Merry ergueu sua taça e nós brindamos.

Está muito bom, comentei, comendo uma garfada.

Lembra quando a gente se conheceu?, perguntei, rindo. Você mal sabia fazer torrada.

Às vezes, é difícil me lembrar daquela Merry. Tanta coisa mudou desde então.

Foi em outra vida, disse ela.

É, concordei. E esta é muito melhor para nós.

Ela estava radiante, a luz do fim de tarde entrando suavemente na casa, trazendo um leve brilho dourado para o contorno do corpo dela.

Tentava dar comida a Conor, mas ele não parava de virar a cabeça.

O que você fez para ele?

Brócolis, cenoura e frango, respondeu ela.

Que cara de sorte. Sorri. Pode deixar comigo.

Peguei a colher azul de plástico.

Vrum, vruuum. Ele abriu bem a boca e comeu tudo rapidinho.

Viu? Dei uma piscadela para Merry. Ele só quer que você se esforce um pouco.

Mais tarde, depois que Conor estava dormindo no berço, Merry e eu nos deitamos no gramado e terminamos a garrafa de vinho. Eu a puxei na minha direção e dei um beijo apaixonado nela.

As estrelas acima de nós pontilhavam o céu de luz. A lavanda do jardim lançava seu aroma no ar, um pouco forte demais. Vi os olhos de Merry me observando e, dentro deles, o contorno do meu reflexo. Ergui a blusa dela e a puxei para baixo de mim.

Sam, protestou ela.

Shhhh, falei, estamos no meio do nada.

Ela relaxou debaixo de mim e estremeceu de leve enquanto eu afastava suas pernas.

Além disso, lembrei a ela, a gente disse que ia tentar ter outro filho.

Isso.

Isso que é vida.

Era exatamente assim que deveria ser.